



O ESTANDARTE DA
PADARIA ESPIRITUAL

No dia 30 de maio de 1892, sob a inspiração de Antônio Sales, nascia a Padaria Espiritual, com apenas vinte fundadores. Sua sede teve início nas cadeiras do Café Java, mudou-se depois para um antigo armazém de exportação e acabou seus dias, por falta de pagamento, nas residências gentilmente cedidas pelos próprios padeiros.

Era dona de um estandarte e de um hino. O primeiro acompanhava os associados em todas as festividades. Marcou presença na alegria e na tristeza. Nas sessões literárias e nos esquifes dos padeiros. Deve ter seguido até a última morada o Paulo Kandalaskaia, o Corregio del Sarto, o Bruno Jacy e o Bento Pesqueiro.

Poucos os excluídos e que se passaram para o Centro Literário; muitos procuraram novos horizontes, uns abandonaram a Padaria por desfastio, outros encontraram a morte em seus caminhos, e assim a sociedade se ia despovoando. . .

O golpe de morte deu-o Antônio Sales quando se despedia desta cidade com passagem comprada para o Rio, em dezembro de 1896.

Com Rodolfo Teófilo ficara a responsabilidade pela guarda da relíquia literária até a morte de sua esposa, Dona Raimundinha. E em novembro de 1932, quatro meses após o falecimento de Marcos Serrano, Antônio Sales a oferecia a Eusébio de Sousa através desta deliciosa carta:

“Fortaleza, 12 de novembro de 1932

Meu caro Dr. Eusébio de Sousa

Esta vai acompanhada de um presente para o Arquivo que você com tanto zelo e inteligência dirige: — é a bandeira ou, antes, o estandarte da Padaria Espiritual, a ainda hoje falada associação literária que, com outros rapazes do meu tempo, fundei em 30 de maio de 1892.

Este estandarte estava sempre visível nas sessões da Padaria Espiritual, aparecia em todas as suas manifestações coletivas e — finalmente mais triste — cobriu o esquife de vários padeiros que a morte vinha ceifando.

Como se vê, ele mostra em campo vermelho uma caneta plumada, cruzada com uma espiga de trigo. De um lado a inicial P e do outro a inicial E. Por baixo, a legenda Amor e Trabalho, divisa da Padaria.

Com seu tom rubro, com seus bordados oxidados, com seus buracos (que parecem de balas e são de traças), dir-se-ia que ele foi desfraldado em sangrentas batalhas, e, no entanto, nunca a luz beijou um lábaro mais pacífico.

Dissolvida a associação, por morte, por expatriamento e, finalmente, pelo desânimo dos Padeiros, ficou o estandarte sob a guarda de Rodolfo Teófilo, ou, mais exatamente, de sua santa esposa, que foi, na segunda fase da Padaria, a sua patrona entusiasta e abnegada. Morta ela, Rodolfo depositou-o em minhas mãos.

Penso que fica o estandarte mais bem guardado no Arquivo do que em meu poder, e o meu desejo é que você não tenha de emprestá-lo tão cedo para agasalhar-me em minha viagem do A lém.

Do confrade e amigo obrigado

Antônio Sales"

Realmente, esse mesmo estandarte cobriria oito anos depois o caixão mortuário do nosso Antônio Sales atendendo, em parte, ao apelo do poeta ao então diretor do Arquivo Público do Ceará: "*o meu desejo é que você não tenha de emprestá-lo tão cedo. . .*"

Hoje essa peça de tanto valor estimativo e histórico, nonagenária, se encontra cuidadosamente entesourada no nosso Museu Histórico e Antropológico.



ESTANDARTE DA PADARIA ESPIRITUAL. Depois da dissolução dessa sociedade passou o estandarte à responsabilidade de Rodolfo Teófilo e, com o falecimento do autor de *O Paroara*, Antônio Sales confiaria ao Arquivo Público do Ceará a custódia definitiva desse símbolo quase centenário. Atualmente, acha-se exposto numa das salas do Museu Antropológico do Ceará. (Gentileza do Dr. Osmário Barreto).